



## **Avaliação na EaD e a experiência do Programa Mídias na Educação (SP)<sup>1</sup>**

Patrícia Horta ALVES<sup>2</sup>

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

Etiane Taís Diana GOBO<sup>3</sup>

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

Wania MALAFAIA<sup>4</sup>

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

### **RESUMO**

As tecnologias de comunicação e informação (TIC) revolucionaram a educação ao possibilitar o incremento, nos dias de hoje, da mediação de um aprendizado colaborativo, em rede. Porém, o percurso não é feito somente de facilidades, pois essa nova configuração da construção do conhecimento recoloca questões educativas tradicionais e importantes, como a da avaliação. É esse o objetivo principal desse texto, no qual apresentamos as estratégias de avaliação dos cursistas do Programa de Formação de Professores a Distância Mídias na Educação no Estado de São Paulo, realizada numa parceria entre a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e o Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE/USP).

**PALAVRAS-CHAVE:** EAD, Avaliação, Mídias na Educação, Educomunicação.

### **1. Introdução**

A forma tradicional de ensino, baseada numa sala de aula amparada na presença física do professor e dos alunos, não é mais a única opção para a construção do conhecimento. As tecnologias de comunicação e informação (TIC) revolucionaram a educação ao possibilitar o incremento, nos dias de hoje, da mediação de um aprendizado colaborativo, em rede.

No entanto, trajetória da Educação a Distância (EaD) inicia muito antes do surgimento da internet, em experiências que utilizaram os meios de comunicação de massa na formação profissional, como o ensino por correspondência promovido pelo Instituto Universal Brasileiro, criado 1941. Desde então outras iniciativas foram desenvolvidas como o projeto Minerva que

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação do X Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Pesquisadora de Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) da USP e coordenadora do Programa Mídias na Educação (oferta São Paulo), email: [pthorta@gmail.com](mailto:pthorta@gmail.com).

<sup>3</sup> Pesquisadora de Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) da USP e tutora do Programa Mídias na Educação (oferta São Paulo), email: .

<sup>4</sup> Pesquisadora de Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) da USP e tutora do Programa Mídias na Educação (oferta São Paulo), email: .



privilegiou a liguagem radiofônica, ou ainda, as teleaulas transmitidas pela televisão aberta do Telecurso 2000.

Em termos legais, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), sancionada em 1996, normatizou o ensino a distância no Brasil, o que fomentou a oferta de cursos de extensão universitária, graduação e pós-graduação por meio da EaD. Com o progressivo aumento de ações centradas no uso das TIC em políticas públicas na Educação, temos, também em 1996, a criação da Secretaria de Educação a Distância (SEED) do Ministério da Educação (MEC).

Muito mais que a facilidade de estudo, com horários alternativos, a EaD atualmente caracteriza-se por favorecer um possível diálogo horizontal, que promova a socialização do conhecimento, em que a palavra do professor caminhe lado a lado com a do aluno. Esta relação dialógica possibilita que uma meta das propostas educacionais seja alcançada: dar a palavra a todos. Porém, o percurso não é feito somente de facilidades, pois essa nova configuração da construção do conhecimento recoloca questões educativas tradicionais e importantes, como a da avaliação.

Esta temática, como se discutirá, possui duas dimensões principais: a relativa ao processo de aprendizagem e à avaliação institucional. Tais eixos se cruzam, quando se busca, no contexto de alguma experiência, pesquisar a avaliação que é feita com respeito aos educandos.

É justamente esse o objetivo principal desse texto, no qual apresentamos as estratégias de avaliação dos cursistas do Programa de Formação de Professores a Distância Mídias na Educação no Estado de São Paulo, realizada numa parceria entre a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e o Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE/USP).

É importante, antes de apresentar a experiência de avaliação do Programa, as pesquisas realizadas e suas conclusões gerais, discutir aspectos relativos às teorias sobre a avaliação educativa, em particular quanto à EaD, que justificam o tipo de avaliação adotada.

## **2. Teorias de avaliação na EaD**

Os referenciais de qualidade para o ensino a distância no Brasil, elaborados, no ano de 2007, pela SEED/MEC, enfatizam que a avaliação deve levar em conta duas dimensões: o processo de aprendizagem e a avaliação institucional. Nessa linha, avaliação de aprendizagem deve:

ajudar o estudante a desenvolver graus mais complexos de competências cognitivas, habilidades e atitudes, possibilitando-lhe alcançar os objetivos propostos. Para tanto, esta avaliação deve comportar um processo contínuo, para verificar constantemente o



progresso dos estudantes e estimulá-los a serem ativos na construção do conhecimento. Desse modo, devem ser articulados mecanismos que promovam o permanente acompanhamento dos estudantes, no intuito de identificar eventuais dificuldades na aprendizagem e saná-las ainda durante o processo de ensino-aprendizagem (Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância, 2008, p. 169).

Ja a avaliação institucional configura-se como:

um processo permanente e conseqüente, de forma a subsidiar o aperfeiçoamento dos sistemas de gestão e pedagógico, produzindo efetivamente correções na direção da melhoria de qualidade do processo pedagógico coerentemente com o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes). Para ter sucesso, essa avaliação precisa envolver os diversos atores: estudantes, professores, tutores, e quadro técnico-administrativo. A condução da avaliação institucional deve facilitar o processo de discussão e análise entre os participantes, divulgando a cultura de avaliação, fornecendo elementos metodológicos e agregando valor às diversas atividades do curso e da instituição como um todo. (Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância, 2008, p. 169).

A pesquisa da avaliação é um processo empírico de uma atividade vinculada ao serviço, modelada pelos recursos disponíveis e com dados de formas e tamanhos diversos. Portanto, a metodologia mais pertinente para a avaliação de um curso *online* será aquela que se adequar ao contexto e às condições do curso e da investigação (LAGUARDIA, PORTELA e VASCONCELLOS, 2007, p. 528).

A maioria dos estudiosos da área de educação, conforme nota Santos (2005, p. 2), ressalta que “uma das funções básicas da avaliação é o controle. Como controle pode-se entender os meios e a frequência das verificações dos resultados do processo de ensino-aprendizagem, bem como a quantificação e qualificação dos resultados”. Portanto, o controle da participação pode acontecer por meio dos diversos recursos técnicos, como fóruns de discussões, e-mails e chats para troca de ideias, bibliotecas para junção dos trabalhos. Aplicativos e serviços como Twitter, Orkut, Blogs, Flickr, GoogleTalk, MSN e Skype servem como apoio para a EaD, possibilitando conhecer a identidade dos alunos. Como se descreverá, no Mídias na Educação utilizaram-se instrumentos desse tipo.

Além da utilização de ferramentas, a educação a distância necessita da constante interação do tutor ou professor virtual, responsável por orientar e auxiliar o cursista. Como se trata de um ambiente digital, é importante que o aluno saiba que existe alguém zelando pela troca do conhecimento, seja nos momentos de dúvida, nos debates ou na verificação da participação. O educador que atua no ambiente virtual pode humanizar as relações e interações no mesmo. Como notar Moran (2007), constatando que o envolvimento e comprometimento são fundamentais: “Na EAD a maior parte do tempo do professor não é ‘lecionar’, mas acompanhar, gerenciar,



supervisionar, avaliar o que está acontecendo ao longo do curso. O papel do professor muda claramente: orienta, mais do que explica”.

Nesse sentido, é cabível destacar as avaliações inicial/diagnóstica, contínua/formativa e final somativa, como instâncias importantes da avaliação na educação virtual, momentos relevantes de reflexão para a melhoria das relações educativas (o papel das mesmas na proposta pedagógica do Mídias na Educação será evidenciado no próximo tópico):

A **avaliação Inicial/Diagnóstica** se caracteriza como uma sondagem feita no início do trabalho para diagnosticar a bagagem de conhecimento sobre determinado conteúdo. Esta avaliação servirá como ponto de partida na construção de futuros conhecimentos.

Já a **avaliação Contínua/Formativa** acontece durante todo o processo de ensino-aprendizagem. A sua função é de acompanhar as conquistas, e sanar as dúvidas e dificuldades durante o processo, observando sistematicamente a aprendizagem. Este tipo de avaliação permite conhecer o caminho percorrido, pelo aluno, na construção da aprendizagem significativa. Deve garantir, assim, a autenticação e autoria da produção intelectual (textual, geralmente, ou em outro formato) do educando.

A **avaliação Final/Somativa** é utilizada no momento em que os projetos são encerrados. Neste momento o tutor poderá avaliar o nível de aprendizagem e a nova bagagem adquirida pelo educando.

A avaliação formativa/contínua é considerada a melhor forma de avaliar em EaD, pois o seu processo permite identificar as dificuldades e os avanços do educando, permitindo também identificar as falhas, as faltas, acertos e conquistas do professor no EaD. Além disso, permite encontrar novos rumos para o processo. Ela tem como meta favorecer a aquisição de competências pelos indivíduos, apontando o quanto eles se aproximam das mesmas, mais do que comparar o desempenho dos alunos, caso das avaliações normativas.

O foco na evolução do aluno dá um caráter mais compartilhado à avaliação na educação a distância. A avaliação formativa pode ser assumida, assim, como uma forma de promover a responsabilidade do professor e do aluno. O sucesso de um, depende do outro, e o avanço no processo de ensino-aprendizagem será bilateral. Tal noção aproxima-se das ideias de um pedagogo como Philippe Perrenoud, que defende esta relação de parceria autónoma. Como nota este autor:

Qualquer que seja o tipo de avaliação - Prognóstica ou Diagnóstica, Somativa ou Cumulativa, Formativa ou Processual, ela não é um fim em si mesma. Mas uma



engrenagem no funcionamento didático e, mais globalmente, na seleção e na orientação escolar, servindo para controlar o trabalho dos alunos e, simultaneamente, gerir os fluxos. (PERRENOUD, 1999, p.13)

A avaliação é um instrumento de trabalho do professor, não se concretiza como uma ação pontual e final, portanto, “o importante não ‘é fazer como se’ cada um houvesse aprendido, mas permitir a cada um aprender” (PERRENOUD, 1999, p. 165).

Outro elemento do debate sobre métodos para avaliar é a questão do quantitativo *versus* qualitativo. A avaliação quantitativa busca acompanhar os cursistas e constatar a participação e frequência. Já a qualitativa busca analisar o desenvolvimento e avanço do cursista, bem como verificar a maturidade e a capacidade de argumentação e condução do pensamento em relação ao conteúdo estudado. Portanto, avaliações qualitativas permitem autonomia intelectual que dizem muito mais que análises estatísticas, embora as possibilidades integrativas não devam ser desprezadas. Quantidades (como número de interações num fórum) podem expressar, ou pelo menos sinalizar, elementos qualitativos.

As estratégias de avaliação qualitativa na educação caracterizam-se em geral pela coleta de dados descritivos por meio do contato direto e prolongado do pesquisador (ou educador) com o ambiente e a situação estudada, com uma ênfase maior nos processos do que no produto e uma preocupação em retratar a situação a partir da perspectiva dos participantes (LAGUARDIA, PORTELA e VASCONCELLOS, 1986).

É possível verificar que a avaliação na EaD deve ser encarada como um processo indissociável à construção do conhecimento. Sua importância coloca em debate este formato de educação, que substitui a presença física, mas de forma alguma a qualidade. Avaliar na EaD requer estimular a troca de conhecimento entre educadores no contexto *online* e cursistas, comprometer os participantes num processo comum de elaboração de conhecimento. É uma construção diária de ensino/aprendizado, alicerçada, potencialmente, numa relação dialógica que tem um grande objetivo: democratizar o acesso ao conhecimento, pois como diria Paulo Freire (2000, p. 79): “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo; os homens educam-se entre si, mediados pelo mundo”.

### **3. A avaliação na oferta paulista do Programa Mídias na Educação**

O Programa de Formação Continuada a Distância Mídias na Educação caracteriza-se por possuir duas terminalidades: os níveis de extensão (120 e 60 horas, correspondentes ao Ciclo Básico e ao



Ciclo Intermediário) e especialização (cerca de 400 horas, no Ciclo Avançado)<sup>5</sup>. Ele tem como objetivo geral proporcionar uma formação continuada para o uso pedagógico das diferentes tecnologias da informação e da comunicação. O público-alvo prioritário são os professores da educação básica. É ofertado por universidades públicas, de diferentes estados.

Em São Paulo, o Programa tem sido implementado<sup>6</sup>, desde 2006, por meio da parceria UFPE-NCE/USP. Atualmente, o Programa encontra-se em sua 4ª oferta e deverá titular os primeiros especialistas (ingressantes na 1ª oferta) no primeiro semestre de 2011. As ofertas iniciais tiveram um caráter, até certo ponto, experimental, já que foram iniciadas enquanto os módulos do curso ainda eram produzidos – daí o tempo relativamente longo de conclusão da 1ª oferta.

Os conteúdos do curso estão no ambiente em que ele tem sido realizado pela oferta paulista, o e-ProInfo (<http://eproinfo.mec.gov.br/>), do MEC, e também, de modo aberto, num espaço do site Webeduc (<http://webeduc.mec.gov.br/midiaseducacao/>), também do MEC. Cada bloco temático possui identidade e forma de navegação inspiradas pelo tema, de modo a oferecer uma visão ampla sobre o uso de ambientes virtuais, estimulando a criatividade e o senso crítico dos educadores-cursistas.

A equipe da oferta paulista possui um nível de formação adequado: todos os coordenadores são mestres ou doutores, em áreas ligadas ao curso, e a maioria dos tutores tem pelo menos título de especialista. Grande parte dos tutores já tinha experiência na função, mesmo assim existem momentos de formação para o grupo, como um curso de extensão realizado com esse fim. Tal instância coletiva, no que tange à discussão e consensos do grupo sobre a avaliação, é particularmente importante, pois espera-se relativa homogeneidade quanto às práticas gerais adotadas para avaliar o desempenho pedagógico dos participantes. Este processo, como seria de se esperar, é complexo, marcado por individualidades, expectativas e trajetórias diversas, tanto dos tutores quanto dos cursistas.

Nesse sentido, ideias maturadas nas ofertas iniciais foram consolidadas e postas em prática na 3ª oferta, para dar maior consistência, uniformidade e qualidade ao processo. Em termos de uma **avaliação Inicial/Diagnóstica**, buscou-se obter informações gerais sobre o cursista, por meio de um formulário *online*, cujos dados sondavam questões quanto ao uso dos meios na educação já

---

<sup>5</sup> Para mais informações sobre o Programa, ver o site do MEC: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=12333:midiias-na-educacao&catid=298:midiias-na-educacao&Itemid=681](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12333:midiias-na-educacao&catid=298:midiias-na-educacao&Itemid=681), bem como o site construído pela oferta paulista (<http://www.usp.br/nce/midiiasnaeducacao/>).

<sup>6</sup> O Programa Mídias na Educação em São Paulo concluiu em 2010 sua terceira oferta, totalizando 7.600 vagas assim distribuídas: 1ª. Oferta, 2.000 vagas (40 salas virtuais); 2ª. Oferta, 2.800 vagas (56 salas virtuais); 3ª. Oferta, 2.800 vagas (56 salas virtuais).



feito pelo professor-cursista e sua familiaridade com a informática e a EaD. Dados recolhidos dos cursistas da 3ª oferta, nesta perspectiva, podem ser vistos numa apresentação ([http://www.slideshare.net/richard\\_romancini/quem-so-os-cursistas-do-mdias-na-educao](http://www.slideshare.net/richard_romancini/quem-so-os-cursistas-do-mdias-na-educao)). Trata-se, neste caso, de obter um perfil macro dos participantes, útil para conhecer nesse nível os cursistas e planejar estratégias; por outro lado, um diagnóstico mais específico é feito, geralmente, na primeira atividade do Programa, quando os cursistas são convidados a exporem não apenas suas expectativas, mas também a se apresentarem, informando experiências e práticas relativas ao universo a ser estudado, em texto em fórum do ambiente.

Quanto ao plano de uma avaliação **Contínua/Formativa**, reconhecendo-se a natural dificuldade e, ao mesmo tempo, a importância desse tipo de avaliação, foram elaborados dois instrumentos principais básicos para operacionalizar preocupações relativas à mesma. Estes foram a **proposta de rotina** e as **diretrizes (critérios) de avaliação**. O primeiro é um documento que expõe uma proposta (que cada turma pode adaptar) de estudo semanal. Reconheceu-se, neste caso, a importância de equalizar a participação, assiduidade, retorno às tarefas e comprometimento com a interação que instiga e fortalece debates e troca de conhecimentos, por parte de tutores e cursistas, no âmbito de cada turma e, também, no plano geral do Programa<sup>7</sup>. Criada para facilitar a troca de experiências e reflexões, e, sobretudo, para fortalecer hábitos de participação entre os cursistas, a proposta de rotina, estipula datas na semana, agendando o dia de lançamento da atividade, o dia limite para primeira participação e, a finalização com réplicas, tréplicas e comentários. A semana é encerrada com a avaliação do tutor, lançando conceitos numa planilha.

O outro instrumento trata justamente destes conceitos, expostos em um texto/escala descritiva com **diretrizes (critérios) de avaliação** (adiante, no Quadro 1). Ele representa uma estratégia para operacionalizar a avaliação formativa, buscando desenvolver esta sob o enquadramento geral de uma “avaliação criterial”. Neste caso, trata-se de uma avaliação que sinaliza explicitamente os critérios mais pontuais e específicos que permitem ao estudante alcançar um nível “ideal” quanto aos objetivos pretendidos. Esses critérios/conceitos são apresentados logo no início do Programa e é dada ao cursista a possibilidade de discuti-los – seja quanto à compreensão, seja quanto ao valor do mesmo – com o tutor da turma. Em outros termos, a avaliação criterial adotada utiliza uma escala semântica de avaliação que, fundamentalmente, representa “indicadores de apoio aproximativo do processo de aprendizagem que permitem ao professor intervenções apropriadas” (BORBA; FERRI e HOSTINS, 2007, p. 49). Ao mesmo

---

<sup>7</sup> Isso pôde ser feito a partir da socialização dos melhores trabalhos (selecionados pelos tutores) das turmas num site construído com esse fim: <http://sites.google.com/site/projetosereflexoes/home>.





tempo, permite ao cursista, tanto acompanhar seu desempenho (na planilha mencionada), quanto perceber evoluções, favorecendo o caráter formativo da avaliação, e realizar críticas e autocríticas.

Note-se que um ponto enfatizado, em termos do procedimento sugerido ao tutor, é que este dialogue, sempre que necessário, com cursista, principalmente quando isso pode ser um meio de fortalecer o vínculo e o compromisso com o curso e com a aprendizagem, bem como ser um elemento de progresso na construção do conhecimento.

Sabe-se que a elaboração de critérios relaciona-se tanto os que estão ligados à realização atividades do curso (mais específicos e pontuais), quanto aos critérios de aprendizagem (relativos ao domínio pelo estudante de determinadas atitudes, habilidades e conhecimentos). Borba; Ferri e Hostin (2007) enfatizam a importância de que haja equilíbrio entre os mesmos. Procurou-se trabalhar essas dimensões, principalmente, enfatizando de modo positivo, no plano da aprendizagem, a capacidade de autonomia, engajamento nos debates e planejamento por parte do cursista, quanto sua capacidade de demonstrar compreensão e domínio sobre o conteúdo estudado. Observe-se, por fim, que os tópicos dos conceitos da escala em itálico foram inseridos num segundo momento, a partir da experiência inicial de uso desse instrumento.

### **Quadro 1. Diretrizes (critérios) de avaliação e seus parâmetros**

#### **PS = Plenamente Satisfatório**

- Aborda o conteúdo com coerência. (Fórum - F, Biblioteca - B)
- *Evidencia leitura e compreensão do que é solicitado na descrição da proposta da atividade. (F, B)*
- Realiza interpretação correta do conteúdo, em exposição bem escrita e detalhada. (F, B)
- *Produz trabalho textual academicamente correto – cita textos utilizados, evitando plágios, sobre esse tema ver [aqui \(http://citrus.uspnet.usp.br/nce/midiasnaeducacao/citacao.htm\)](http://citrus.uspnet.usp.br/nce/midiasnaeducacao/citacao.htm). (F, B)*
- Demonstra capacidade de ampliar as discussões, articulando outros conceitos, práticas e ideias. (F, B)
- Tem participação relevante nas discussões - comenta contribuições com interesse e estimula discussões. (F)
- Cumpre rigorosamente os prazos. (F, B)

#### **S = Satisfatório**

- Aborda o conteúdo com coerência. (F, B)
- *Evidencia leitura e compreensão do que é solicitado na descrição da proposta da atividade. (F, B)*
- *Realiza interpretação correta do conteúdo, mas em exposição que poderia ser mais desenvolvida. (F, B)*
- Tem participação mediana nas discussões - comenta contribuições e volta ao Fórum, mas sem promover maior debate. (F)

#### **M = Médio ou Regular**

- Aborda de modo tangencial as temáticas do Módulo em sua contribuição. (F, B)
- Interpretação correta do conteúdo, mas com exposição sucinta ou pouco detalhada. (F, B)
- Participação baixa nos debates - posta sua contribuição, mas não faz comentários sobre as contribuições dos colegas. (F)

#### **I = Insuficiente**

- Não aborda as temáticas do Módulo em sua contribuição. (F, B)
- Faz interpretação errônea dos conceitos. (F, B)
- Não participa dos debates com os colegas. (F)
- *Pratica plágios. (F, B)*

#### **N = Não fez a atividade**





**D = Desistente**

Por fim, a **avaliação Final/Somativa** envolve aqueles trabalhos finais mais elaborados, que devem mobilizar sinteticamente mais conteúdos. A rigor, o principal produto a ser avaliado, nessa linha, será a monografia que os cursistas que finalizarem o Ciclo Avançado terão que produzir, de modo individual.

#### **4. Investigando o uso dos instrumentos de avaliação e sua pertinência**

Feita a exposição anterior, surgem, quase naturalmente, algumas perguntas, bastante relevantes do ponto de vista prático: em que medida esses critérios têm sido utilizados de modo coerente e harmônico entre as turmas; qual sua utilidade, do ponto de vista do tutor; eles poderiam ser melhorados ou substituídos por outras estratégias; eles conseguem validar elementos que favorecem, no contexto típico do curso e das interações, a avaliação formativa ou os tutores utilizam, implícita ou explicitamente outros critérios (comunicados ou não aos cursistas)?

A partir deste tópico, portanto, são apresentados alguns dados empíricos de pesquisas realizadas com o objetivos de lançar luz a questões como as expostas, no caso da oferta paulista do Programa Mídias na Educação. Esperamos, porém, que os resultados possam auxiliar não só aos gestores deste Programa, mas também a outras experiências e pesquisadores interessados na avaliação em EaD.

Uma primeira pesquisa, para perceber se a escala com conceitos da diretrizes tem sido aplicada de modo comum, sem fortes discrepâncias entre as turmas, e mesmo de modo geral, consistiu num teste. Este começou a ser feito a partir da composição de uma amostra com 3 avaliações de atividades postadas na ferramenta biblioteca do ambiente e outras 3 de atividades inseridas no fórum do mesmo, das atuais vinte turmas que realizam o Ciclo Intermediário do curso. Como os critérios são um tanto diferentes para cada ferramenta do ambiente (o fórum permite interações entre cursistas/cursistas, de modo mais evidente que a biblioteca) essa variação entre dados coletados foi importante.

Composta a amostra, cada atividade coletada foi avaliada por um indivíduo – doravante, o “avaliador”<sup>8</sup> – que não conhecia nenhum dos tutores e era estranho ao projeto, ao qual se explicou os critérios e foi dado tempo para que estudasse o conteúdo do curso ligado às

---

<sup>8</sup> O “avaliador” tratou-se do estudante de graduação, bolsista de Iniciação Científica, Vitor Matsuoka. Sob co-orientação do Prof. Dr. Richard Romancini, o bolsista, ao longo dos meses de maio e junho de 2010, coletou as informações pertinentes à pesquisa em fóruns e biblioteca do ambiente e-proinfo publicados por educadores matriculados na 3ª. Oferta do Programa Mídias na Educação no Estado de São Paulo.



atividades. Tendo feito isso, o pesquisador(IC) reavaliou as atividades, cujos resultados são mostrados a seguir, inicialmente nas Tabela 1 e 2, que procuram destacar o grau de concordância e discordância entre o *avaliador* e os *tutores* em cada turma e de modo geral.

No caso da Tabela 1, a cor das células busca assinalar essas situações, com o amarelo indicado concordâncias, o vermelho no caso do conceito mais positivo do avaliador do que tutor e sem cor alguma, em situação inversa.

Como evidenciam as tabelas abaixo, a ocorrência mais comum numa comparação geral entre os conceitos anotados pelo tutor de cada turma e pelo avaliador foi a da concordância dos conceitos, o que aconteceu em 42,5% (51 atividades) da amostra. Porém, essa situação aconteceu mais no caso de atividades da Biblioteca (46,7%) do que naquelas ligadas ao Fórum do ambiente (38,3%). É possível que isso se dê pela Biblioteca envolver basicamente um texto único que é avaliado, o que parece fazer com que elementos contextuais da atividade, da turma e do cursista sejam menos marcantes em termos da avaliação realizada. A interação com a turma, assim, não é algo que a caracterize.

**Tabela 1. Comparação, por turmas, entre conceitos do avaliador e dos tutores**

Turmas/ Conceitos	Atividades da Biblioteca						Atividades do Fórum					
	1		2		3		1		2		3	
	Conc. aval.	Conc. Tutor	Conc. aval.	Conc. tutor	Conc. aval.	Conc. tutor	Conc. aval.	Conc. tutor	Conc. aval.	Conc. Tutor	Conc. aval.	Conc. tutor
Turma 01	M	OS	OS	PS	PS	PS	S	PS	S	OS	M	PS
Turma 02	PS	OS	I	M	S	M	M	PS	PS	S	PS	S
Turma 03	PS	S	S	S	S	PS	PS	PS	S	M	PS	S
Turma 04	I	M	M	PS	PS	I	M	M	PS	OS	S	PS
Turma 05	PS	OS	OS	PS	M	PS	M	PS	S	OS	S	PS
Turma 06	S	OS	M	S	M	S	S	S	M	S	M	M
Turma 07	M	OS	M	PS	S	PS	PS	PS	S	S	M	PS
Turma 08	S	OS	S	S	S	PS	M	S	M	OS	S	S
Turma 09	M	M	OS	M	PS	PS	PS	S	PS	S	M	S
Turma 10	M	M	S	S	S	PS	M	PS	S	S	PS	M
Turma 11	PS	OS	OS	PS	S	S	S	S	PS	S	S	S
Turma 12	M	OS	M	S	M	PS	S	PS	S	PS	S	S
Turma 13	M	OS	S	PS	PS	PS	M	S	M	S	S	S
Turma 14	S	S	OS	S	S	PS	S	PS	PS	PS	M	PS
Turma 15	PS	OS	S	S	S	S	S	PS	M	M	M	M
Turma 16	PS	OS	OS	PS	M	PS	PS	M	S	S	PS	PS
Turma 17	S	S	M	S	S	M	PS	PS	S	M	S	PS
Turma 18	S	PS	OS	PS	M	S	S	M	PS	PS	S	PS
Turma 19	S	M	S	S	S	S	M	M	S	M	M	M
Turma 20	PS	OS	OS	PS	PS	PS	PS	PS	S	PS	M	S

**Tabela 2. Comparação geral entre conceitos do avaliador e dos tutores**

Conceitos/Atividades	Ativs. Biblioteca		Ativs. Fórum		Total	
Concordância na avaliação	28	46,7%	23	38,3%	51	42,5%
Avaliação maior do tutor	25	41,7%	25	41,7%	50	41,7%
Avaliação menor do tutor	7	11,6%	12	20,0%	19	15,8%



<b>Total</b>	60	100,0%	60	100,0%	120	100%
--------------	----	--------	----	--------	-----	------

Ao mesmo tempo, os dados mostram uma clara tendência do tutor a assinalar conceitos maiores do que o avaliador. Isso ocorreu, no todo, em 41,7% (50 atividades) das situações, e de modo numericamente igual nas atividades da amostra da Biblioteca e do Fórum (25 em cada um desses espaços). Por fim, os casos de conceitos menores por parte do tutor do que do avaliador somaram 15,8%, no todo, sendo mais expressivos no caso de atividades do Fórum (20,0%) do que na Biblioteca (11,6%).

É evidente que a avaliação é um processo que envolve subjetividades, olhares potencialmente diversos e, mesmo, possíveis equívocos. No caso em questão, por exemplo, uma situação interessante emergiu de um aprofundamento na comparação entre os dados do avaliador e de um tutor.

Cabe ressaltar a discrepância, salientada na turma 04, do conceito “T” atribuído pelo tutor e o “PS” do avaliador. Tal diferença ocorreu pelo fato tutor ter percebido um plágio (conforme os critérios mostrados, algo justificável), não identificado pelo avaliador, que conhecia esse ponto dos critérios, tendo anotado-o em outras situações da amostra, por vezes não vistas pelos tutores.

De outro lado, a hipótese mais sugestiva com respeito às diferenças (como se viu, geralmente positivas quanto à atividade do cursista) relaciona-se a um possível acompanhamento mais “contextual” do cursista pelo tutor, bem como de prováveis noções outras além daquelas consolidadas nos instrumentos de avaliação mencionados. Sendo assim, será interessante sondar como os tutores percebem os instrumentos, como acreditam que estes são compreendidos e incorporados pelos cursistas e que tipos de valores acabam também se somando às propostas de avaliação dos documentos oficiais. Os dados a seguir mostram tais pontos, a partir das respostas efetuadas por 17 tutores do Programa Mídias na Educação. Estes foram justamente os indivíduos que atuaram nas turmas analisadas, que eram do Ciclo Intermediário do Programa, ou seja, de cursistas que já conheciam mais a proposta do que os ingressantes do Ciclo Básico. Desse modo, as opiniões dadas por eles possuem também maior relevância em termos da experiência no Programa e vivência com os cursistas (todos tinham sido tutores antes no Ciclo Básico). Assim, a tabela seguinte mostra a nota média, de um mínimo de 1 a um máximo de 10, dada pelos tutores a diferentes aspectos dos instrumentos de avaliação propostos.

**Tabela 3. Avaliações dos tutores sobre os instrumentos**

Aspectos avaliados	Uso/utilidade para o tutor		Compreensão pelo cursista		Aceitação pelo cursista	
	Prop. rotina	Diretrizes	Prop. Rotina	Diretrizes	Prop. rotina	Diretrizes



<b>Avaliação dos tutores</b>	<b>Média</b>	8,3	9,1	7,5	7,1	7,6	7,5
------------------------------	--------------	-----	-----	-----	-----	-----	-----

A Tabela 3 apresenta os resultados da média das três primeiras questões feitas aos tutores, sendo que a primeira envolvia a avaliação sobre o grau de “uso e utilidade” dos instrumentos na ação pedagógica na turma. Como se pode notar, as Diretrizes (critérios) de avaliação receberam uma nota média elevada – 9,1 pontos (em dez possíveis). A Proposta de rotina também teve avaliação no quartil superior, embora com menor pontuação: 8,3.

Já nas perguntas seguintes, com respeito a como o tutor percebe a compreensão (ou entendimento) e a aceitação dos cursistas com relação aos instrumentos, as avaliações foram menores, embora mais além de um patamar médio. Para os tutores, os cursistas tendem a ter uma “compreensão” da proposta de rotina equivalente a 7,5 pontos (num máximo de compreensão de dez), enquanto a “aceitação” é ligeiramente maior: 7,6. O número médio da “compreensão” dos critérios de avaliação pelo cursistas é um tanto menor do que a “aceitação” do instrumento com, respectivamente, 7,1 e 7,5 pontos.

Dada a diferença de notas na percepção do tutor sobre a utilidade dos instrumentos de avaliação no trabalho e, de outro lado, como os cursistas compreendem/aceitam os mesmos, parece haver necessidade de atuação no âmbito dos cursistas. E, esta indicação, reapareceu nas sugestões feitas pelos tutores, na última pergunta feita a eles, no contexto desse inquérito. Antes de apresentar esses dados, vale observar outros dois: as opiniões dos tutores sobre o que seria um número mais adequado de cursistas para a realização de uma avaliação bem realizada (Tabela 4) e os outros valores e noções eventualmente utilizados por na avaliação das atividades (Tabela 5).

**Tabela 4. Opinião dos tutores sobre número ideal de cursistas para a avaliação**

<b>Número de alunos por turma</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Entre 21 e 30</b>	8	47,1
<b>Entre 31 e 40</b>	7	41,2
<b>Entre 41 e 50</b>	1	5,8
<b>Entre 10 e 20</b>	1	5,8
<b>Total</b>	17	100,0

Atualmente, as turmas da oferta paulista do Programa Mídias na Educação começam com entre 40 e 50 cursistas. A partir das desistências (em diferentes momentos do Ciclo) ou não obtenção de conceito suficiente para progressão, o número de concluintes é menor. Nas turmas do Ciclo Intermediário, aqui analisadas, o número médio de aprovados por turma foi de 35 cursistas. Para



8 (47,1% do total) dos tutores que responderam a pesquisa, esse já é um número elevado, em termos do trabalho para a realização de uma avaliação bem feita. De outro lado, outros 7 tutores (41,2%) acreditam que seja possível fazer um bom trabalho, com respeito à avaliação, com turmas entre 31 e 40 cursistas. Apenas um (5,8%) acharia ideal um número maior (entre 41 e 50) e também um aponta bem menos cursistas (10-20).

**Tabela 5. Uso de outros valores e noções na avaliação do cursista**

Uso de outros valores e noções na avaliação	N	%
Sim	10	58,8
Não	7	41,2
Total	17	100,0

Os instrumentos de avaliação (Proposta de rotina e Escala descritiva de diretrizes/conceitos) foram suficientes para 7 dos tutores que responderam à pesquisa. Eles informam não utilizar outras noções, geralmente, pois, como nota um deles, “acredito que estes estão de acordo com a proposta do curso e do que se espera dos cursistas”. Outro conteúdo que justificou essa opção, disse respeito à pertinência de homogeneidade no curso. “Acredito que, sobretudo, em EaD, a avaliação da aprendizagem dos cursistas deve ser padronizada entre os tutores ou mediadores, para que se possa ter a dimensão do trabalho de cada tutor e o nível de aprendizagem dos cursistas”, notou um tutor.

Por outro lado, aqueles que acabam utilizando outros valores/noções justificam essa prática pelos seguintes aspectos principais: 1) percepção do interesse e comprometimento do cursista; 2) observação do crescimento ou progresso do mesmo no curso; 3) tendo certa compreensão quanto a eventuais atrasos motivados por imprevistos, e 4) mais valorização ainda da interação e participação do cursista. Desse modo, observa-se que pontos que efetivem mais ainda uma avaliação formativa são contemplados por vários tutores como valores que complementam os instrumentos propostos.

Por fim, sugestões e comentários para a melhoria da avaliação dos cursistas no Programa foram solicitados. As principais propostas foram: 1) realização de autoavaliação por parte do cursista (sugestão de 3 tutores); 2) conclusão do Ciclo com um produto midiático, como um vídeo (aspecto anotado por 2 tutores); 3) Maior uso do bate-papo e inclusão do mesmo em avaliações (comentário de 2 tutores); 4) Reforços ao cursista quantos aos instrumentos já existentes, em particular a Proposta de rotina (sugestão de dois tutores); 5) utilização de notas/pontos ao invés de conceitos, buscando maior justiça e precisão (sugestão de um tutor); 6) criação de algum



instrumento (que não fosse a planilha que registra os conceitos) em que o tutor fizesse registros mais pontuais sobre cada cursista (proposta de um tutor); 7) menor flexibilidade na avaliação, para diminuir variâncias entre turmas e reforçar os critérios (comentário de um tutor) e 8) possibilidade de ter outros recursos, como relatórios e gráficos que ilustrassem a frequência do cursista no ambiente, de modo a ter mais claro o perfil do cursista (sugestão de um tutor).

### **Considerações finais**

O Programa de Formação Continuada à Distância Mídias na Educação em educomunicação se caracteriza como um conjunto de ações adequado aos diversos contextos escolares numa tentativa de recolocar a educação em sintonia com ambiente social e cultural profundamente modificado pela presença das mídias, pela globalização e pela reestruturação dos modos de ser e viver dos indivíduos e grupos sociais.

Tal contexto exige que assumamos a tarefa de tentar compreender o processo de articulação entre a comunicação, a cultura e a educação sob a influência das novas tecnologias da comunicação que passaram a exercer um papel fundamental na sociedade globalizada.

Temos que enfrentar também o desafio de reformular a nossa compreensão sobre o lugar, o papel e a importância da cultura na sociedade, já que as antigas noções a esse respeito se tornaram obsoletas em face da verificação de que a mediação tecnológica não é mais apenas um acessório instrumental, mas adquiriu uma nova densidade, convertendo-se em aspecto estrutural de um processo social complexificado.

A Educomunicação e suas matrizes teóricas que se baseiam em conceitos como dialogia, mediação e comunicação alternativa, em que autores como Paulo Freire, Martín Barbero, Mário Kaplun, Guillermo Orozco Gómez, Ismar de Oliveira Soares entre outros constituem referências da reflexão sobre o que-fazer educativo, resultando num processo teórico e prático que, ao longo dos últimos anos, tem sido empreendido pelo Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo – NCE/USP.

Concluindo, o que aprendemos durante essa primeira investigação? Que a avaliação formativa não é nem um modelo científico, nem um modelo de ação diretamente operatório. Não é mais que uma utopia promissora, capaz de orientar o trabalho dos professores no sentido de uma prática avaliativa colocada, tanto quanto possível, a serviço das aprendizagens. Mas essa utopia é legítima na medida em que visa correlacionar atividade avaliativa e atividade pedagógica;



essa legitimidade só vale, em função disso, no espaço das atividades com vocação educativa. (Hadji, 2001, p. 25)

### Referências Bibliográficas

BORBA, A. M. de; FERRI, C.; HOSTINS, R. C. L. Avaliação da aprendizagem no ensino superior: questões que emergem da prática docente. **Contrapontos**, vol. 7 - n. 1 - p. 43-54 - Itajaí, jan/abr 2007. Disponível em <<https://www6.univali.br/seer/index.php/rc/article/viewFile/890/743>>. Acesso em 20/06/2010.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 15ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

HADJI, C. **A avaliação desmistificada**. Porto Alegre: ArtMed, 2001.

LAGUARDIA J.; PORTELA M.; VASCONCELLOS M. Avaliação em ambientes virtuais de aprendizagem. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 33, n. 3, p. 513-530, set./dez. 2007.

MINISTÉRIO da Educação/Secretaria de Educação a Distância. Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância. In: SANCHEZ, F. (coord.). **Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância**, São Paulo: Instituto Monitor, 4ª ed., p. 156-164, 2008.

MORAN, J. M. **Avaliação do Ensino Superior a Distância no Brasil**, 2007. Disponível em <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/avaliacao.htm>>. Acesso em mai. 2010.

PERRENOUD, P. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SANTOS, J. F. S. Avaliação no ensino a distância. **Revista Ibero-americana de Educação**, n. 5, 38/4, 2006. Disponível em: <<http://www.rieoei.org/1372.htm>>. Acesso em: 24/05/2010.